



Universidade de Brasília

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas

Departamento de Economia

VINICIUS DELANGELO MARTINS GATTO

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A ECONOMIA DUAL

Brasília – DF

2023

VINICIUS DELANGELO MARTINS GATTO

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A ECONOMIA DUAL

Monografia apresentada ao
Departamento de Economia como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Ciências Econômicas.

Professor Orientador: Nelson Henrique
Barbosa Filho

Brasília – DF

2023

VINICIUS DELANGELO MARTINS GATTO

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A ECONOMIA DUAL

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Administração da Universidade de Brasília do (a) aluno (a)

Vinicius Delangelo Martins Gatto

Nelson Henrique Barbosa Filho
Professor-Orientador

Adriana Moreira Amado
Professora-Examinadora

Brasília, 09 de Fevereiro de 2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha esposa, Ariadne Oliveira, pela paciência.

Agradeço aos meus pais, Luiz Carlos Gatto e Damiana Martins dos Santos, pelos incentivos e pela consideração.

Agradeço aos meus amigos e amigas pelos momentos de descontração.

Agradeço ao meu orientador pelas ideias e sugestões.

Agradeço à UnB por ter me dado a chance de retomar e concluir a graduação em Economia vinte anos após eu ter a iniciado e ter me apaixonado pelo conhecimento.

RESUMO

Economia Dual é tanto uma descrição sintética do desenvolvimento capitalista quanto uma ferramenta teórica para compreender a dinâmica do crescimento. O presente trabalho busca realizar um apanhado das principais teorias clássicas sobre a temática assim como busca verificar contribuições atuais e recentes sobre o mesmo tema. Ao longo do trabalho, os autores são retomados para entender como a divisão da economia em setores mais produtivos e setores mais atrasados, daí o termo Economia Dual, pode explicar as economias de países subdesenvolvidos e o empobrecimento de países ricos, e também as consequências sociais decorrentes da situação. Ao final, é realizado um pequeno exercício sobre economia dual e mobilidade social entre os setores.

ABSTRACT

Dual economia is a synthetic concept that can describe the developments in capitalism and also explain the dynamics of this development itself. The present work aims to overview the classic contributions to the theme, as well as the modern and contemporary research. Throughout the work, the authors and their works are used to understand how the division between a more productive sector and a traditional and archaic sector, therefore the concept dual economy, can explain the underdevelopment of most of the countries and the impoverishment of the other ones. The social consequences of this division is also highlighted in the text. Finally, a small exercise is done about labor mobility between the two sectors.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Gráfico com a dinâmica das migrações	p.38
Figura 2 – Gráfico com a dinâmica da renda per capita	p.38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela com a simulação dos dados	p.37
---------------------------------------------	------

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO - p.9
 - 1.1. Justificativa - p.10
2. A ECONOMIA DUAL CLÁSSICA - p.12
 - 2.1. A visão pioneira de Arthur Lewis sobre a economia dual - p.12
 - 2.2. O modelo de Fei e Ranis - p.19
 - 2.3. O modelo de Harris e Todaro - p.20
3. CONSIDERAÇÕES ATUAIS SOBRE A ECONOMIA DUAL - p.21
 - 3.1. A sociedade dual - p.21
 - 3.2. A estagnação secular - p.26
 - 3.3. Conclusão - p.33
4. PROPOSTA DE MODELO SOBRE A ECONOMIA DUAL - p.35
 - 4.1. Explicação Econômica do Modelo - p.39
 - 4.2. Considerações sobre a especificação - p.41
5. CONCLUSÃO - p.42

1. INTRODUÇÃO

O estudo das ciências econômicas no Brasil, desde o seu início, lida com a condição fundamental de subdesenvolvimento da sociedade brasileira. Muitos pensadores nacionais, partidários do pensamento da grande potencialidade de desenvolvimento da economia nacional, buscaram entender os mecanismos e estruturas que impedem que o desenvolvimento efetivamente ocorra ou por quais motivos ele está sendo retardado. A essa preocupação central se somam os estudos realizados dentro do que se convencionou chamar de economia do crescimento, que buscam entender porque alguns países são tão ricos, enquanto outros são tão pobres (JONES: 2000). Quais são os alicerces do desenvolvimento? Existe uma tendência para o crescimento?

Entre os pensadores brasileiros dessa tradição, talvez o mais destacado seja Celso Furtado e isso nos leva a um conceito primordial, a mudança estrutural. Vista de forma simplista, a mudança estrutural considera que o meio para o crescimento encontra-se no setor secundário, na indústria que possui maior produtividade, o setor que encarna, por excelência, o dinamismo e a inovação no capitalismo. Em oposição ao setor agroexportador, a indústria criaria uma demanda interna por meio dos salários e do reinvestimento dos lucros, o que serviria como base para o desenvolvimento.

O pensamento acima serviu como guia para políticas públicas de industrialização do Brasil ao longo de diversos governos. Subjacente a esse pensamento está, então, a oposição entre duas economias, ou dois setores, um moderno, dinâmico, industrial, capitalista, formal e outro tradicional, arcaico, rural, informal, voltado para a subsistência. Daí se tira o que se chama de economia dual, os artigos usados em cada um dos polos podem ser rearranjados e agrupados de tal modo que a definição mesma de cada polo fica confusa, como, por exemplo, um setor agrícola moderno, dinâmico e exportador. Entretanto, o ponto central que simplifica e divide a economia são as diferenças de produtividade. Um setor é mais produtivo que o outro e isso gera a dinâmica das economias, especialmente as subdesenvolvidas como a do Brasil. O pensador clássico deste pensamento dual é Arthur Lewis e ele servirá como ponto de partida para o trabalho.

Em seu estudo sobre as economias duais, Arthur Lewis considera que a oferta de trabalho em países subdesenvolvidos é elástica. As indústrias, com sua maior produtividade, se servem de um contingente virtualmente inesgotável de trabalhadores que estão dispostos a receber como salário um valor menor que sua produtividade marginal. Isso porque o setor arcaico ou de subsistência nivela por baixo os salários, e valores ligeiramente superiores aos salários do setor de subsistência atraem os trabalhadores. Desse modo, os industriais se apropriam da diferença entre a produtividade dos trabalhadores e o salário pago na forma de lucro. Isso cria um incentivo para o reinvestimento e crescimento do setor mais produtivo enquanto as diferenças de produtividade se mantêm. A situação tenderia a um equilíbrio quando os setores modernos e os arcaicos tivessem produtividades iguais. Assim ocorre porque o maior contingente de trabalhadores já está no setor mais moderno da economia. Diz-se então que a economia ultrapassou o ponto de Lewis, e as economias subdesenvolvidas se portam como economias desenvolvidas em que o salário se iguala à produtividade marginal.

O objetivo desse trabalho é realizar um panorama sobre a Economia Dual. No primeiro capítulo, faz-se uma revisão das teorias clássicas sobre a Economia Dual, no segundo, é realizado um apanhado de visões contemporâneas sobre a Economia Dual e, no terceiro, é proposto um modelo simples como exercício para entender a dinâmica de salários e migração em um contexto de livre movimentação do trabalho.

1.1. Justificativa

Conforme dito na introdução do trabalho, a definição de cada setor da economia visto dentro do contexto de economia dual pode ser problemática. Pensar que, no Brasil, o setor de subsistência sirva como uma oferta elástica virtualmente infinita de trabalhadores pode ser um tanto quanto demasiado para a economia brasileira.

Entretanto, é fato que o país passa por um processo de desindustrialização considerado por muitos como prematuro. Partindo do pressuposto que a indústria, em geral, possui maior desenvolvimento tecnológico que o setor terciário,

ascendente no país, isso pode nos levar a crer que estamos em uma situação em que um setor com maior contingente de trabalhadores esteja servindo como âncora para os salários. Isto é, que o setor terciário, o maior empregador atualmente, gera a dinâmica para continuidade das diferenças de produtividade em um estilo mais ou menos alinhado com o que prevê a economia dual.

Essa questão é ainda mais relevante quando se considera que tipo de ocupação está crescente no país. São os empregos formais ou empregos informais? Profissões com alta especialização ou empregos precarizados? Os dados são suficientes para caracterizar dois setores?

O presente trabalho tem cunho mais teórico, entretanto, estudar a Economia Dual é importante para entender desdobramentos importantes no pensamento econômico brasileiro, assim como pode servir como um ponto de partida para trabalhos empíricos sobre desigualdade entre regiões do país e desigualdade entre setores econômicos. Como veremos no terceiro capítulo, as ideias das economias duais, antes restritas aos países subdesenvolvidos, podem ser importantes para estudar não somente a questão do subdesenvolvimento, mas também a própria dinâmica do Capitalismo atual.

2. A ECONOMIA DUAL CLÁSSICA

2.1. A visão pioneira de Arthur Lewis sobre a Economia Dual

A principal referência para o estudo do conceito de economia dual é o economista Arthur Lewis, natural da pequena ilha do caribe de Santa Lúcia e professor da universidade de Princeton, em Nova Jersey, Estados Unidos. Desse modo, este capítulo de revisão bibliográfica passa por um acompanhamento das ideias desenvolvidas no seminal artigo *Economic Development with Unlimited Supplies of Labour*, escrito pelo autor em 1954.

Lewis inicia seu artigo informando que as ideias que ele pretende debater estão no contexto das discussões iniciais dos economistas clássicos. Notadamente, as ideias de Adam Smith, David Ricardo, Thomas Malthus e Karl Max são usadas ora para reforçar, ora para se contrapor às do próprio Lewis. O ponto de partida dos clássicos é o mesmo de Lewis, a noção de que haveria uma oferta ilimitada de trabalho com salários de subsistência.

Para Lewis, essa foi a realidade da economia à época dos clássicos e não é mais a realidade dos países desenvolvidos atuais, motivo pelo qual a ideia é abandonada pelos economistas neoclássicos. Entretanto, Lewis considera que o ponto de partida ainda é válido para grande parte dos países do mundo, e, podemos dizer, inclusive para o Brasil. Lewis não procura suplantiar a teoria neoclássica. Apenas afirma que, diante de uma situação de oferta ilimitada de trabalho, o seu arcabouço teórico explica melhor a situação.

O segundo conceito crucial, retirado dos clássicos, é o de que a acumulação do capital explica o desenvolvimento econômico, acumulação essa determinada pela distribuição da renda entre os vários grupos econômicos.

Para começar, precisamos definir o que Lewis entende por uma oferta ilimitada de trabalho. Tal situação ocorre quando uma população é muito superior relativamente ao capital instalado e aos recursos naturais disponíveis. Existem, assim, setores com grande participação na economia e com desenvolvimento baixo nos quais a produtividade marginal do trabalho é negligenciável, zero ou até mesmo negativa.

Um exemplo que ilustra bem esse tipo de setor seria o de uma família relativamente numerosa cuidando de uma pequena propriedade com baixo desenvolvimento tecnológico. Em uma situação como esta, a retirada de um membro da atividade produtiva não resultaria em uma redução do produto total, ou seja, a produtividade marginal desse membro é zero, sua presença não aumenta ou diminui a produção.

Este é um exemplo arquetípico, mas isso não quer dizer que a oferta ilimitada se encontre somente em economias que se dividem, grosso modo, entre setores agrários de subsistência com grande participação no todo e setores modernos capitalistas com pequena participação no todo. Existe uma série de atividades em que a produtividade marginal do trabalho é realmente muito pequena, não somente no setor agrário.

Lewis cita trabalhadores em docas, trabalhadores de hotéis que carregam malas, jardineiros, pequenos comerciantes de bugigangas. Essa era a realidade de escrita do artigo. Nas modernas cidades atuais podemos verificar trabalhadores que limpam para brisas de carros, vendedores de balas, doces, carregadores de celular, panos de pratos em sinais, bares e portas de supermercados, vigias de carros estacionados, dentre outros. Isso para se ater a exemplos de ocupações em que a produtividade marginal é evidentemente negativa. A diminuição dessas ocupações traria maior bem-estar geral e nenhum impacto na produção.

Uma atividade sintomática de situações como essas é a grande participação do trabalho doméstico em países que se encontram em uma situação de oferta ilimitada de trabalho. Atividades como servir café para visitas são inúteis do ponto de vista econômico, mas trazem ganhos não pecuniários para os empregadores, como o prestígio social.

Essa questão é importante, pois traz luz a um aspecto de certo modo tangenciado por Lewis no texto: por que alguém empregaria uma pessoa se a contribuição dessa pessoa não vale a pena economicamente? Dito dessa forma, um empresário maximizador de lucro não contrataria uma pessoa para servir café a um visitante esporádico, ou um produtor rural não chamaria um primo para ajudar na colheita se o trabalho do primo não aumentasse a quantidade colhida ou a velocidade da colheita.

Primeiramente, Lewis cita que a mentalidade capitalista de acumulação não se encontra totalmente desenvolvida no setor arcaico, uma ideia tomada de Marx, e

esse argumento será melhor discutido quando entrarmos na questão do desenvolvimento econômico. Entendemos que o que Lewis chama acima de prestígio, ou podemos chamar de ganho não pecuniário, faz parte da própria dinâmica social em que a atividade está inserida. Os laços familiares são evidentes nesse sentido, uma vez que não se deixa um filho morrer de fome apenas porque sua contribuição não potencializa a produção. Do mesmo modo, os demais trabalhos de pequena produtividade desempenham alguma função econômica, mas, sobretudo, servem também como laços sociais de proteção. De outro modo, viveríamos em um mundo malthusiano, em que a população aumentaria ou diminuiria conforme o ciclo da produção. Evidentemente, isso não é a realidade, uma vez que populações com excedente de trabalhadores não diminuem subitamente, dado que o emprego dos trabalhadores não maximiza o lucro.

Entretanto, prossegue Lewis, mais importante que a própria produtividade marginal do trabalho é o salário de subsistência que as pessoas recebem em atividades como as descritas acima. Subsistência, nesse caso, pode ser entendida tanto como o nível mínimo para a reprodução física das pessoas, para uma pessoa se manter viva, ou uma outra situação entendida como o mínimo aceitável pela sociedade em questão, ou o rendimento médio recebido no setor de subsistência. O ponto é que o salário de subsistência serve como âncora para todos os salários. Como o setor atrasado é substancialmente numeroso, relativamente muito maior, as pessoas sempre estão dispostas a trabalhar por esse salário ou por um salário ligeiramente superior. Isso cria uma oferta de trabalhadores para os setores mais desenvolvidos virtualmente infinita. Sempre que, digamos, uma indústria precise de novos trabalhadores, ela poderá encontrá-los nos setores de subsistência. O trabalho não qualificado não é um entrave para o desenvolvimento de um setor, não é um recurso escasso.

Os demais recursos, é claro, se mantêm escassos, isto é, o capital e os recursos naturais, assim como trabalhadores qualificados. Contudo, citando Marshall, Lewis não enxerga o trabalho qualificado como um grande entrave, já que o desenvolvimento da indústria é sempre capaz de gerar os trabalhadores qualificados necessários, ainda que com um certo atraso.

Podemos, assim, chegar a uma definição mais precisa do setor arcaico. Primeiramente, por oposição: quais setores se beneficiariam de novas vagas, aumentam sua rentabilidade pagando um salário de subsistência? Definitivamente

não o setor arcaico ou atrasado. Nas palavras de Lewis, o setor de subsistência é “by difference all that part of the economy which **is not using reproducible capital**” (LEWIS, 1954, p.147).

Do ponto de vista do capitalista, o empreendedor contrata um trabalhador sempre que o salário pago compensar a contribuição desse trabalhador adicional. No limite, o salário pago se iguala à produtividade marginal do trabalhador. Visto dessa forma, o capitalista obedece à lei de maximização de lucro e está preocupado com questões como eficiência, custo e rentabilidade. No caso de economias duais, esse capitalista se depara com uma situação bastante favorável, na qual ele não precisa pagar a produtividade marginal do trabalho inteiramente ao trabalhador. O salário pago é menor do que a produtividade marginal. Logo, a rentabilidade do empreendimento é maior. Isto porque a demanda por trabalho do capitalista concorre com um setor, digamos, “não capitalista” ou “menos capitalista”, em que a produtividade marginal é baixa ou negativa e, portanto, com salários baixos ou de subsistência. Desta forma, o salário pago pelo capitalista pode ser apenas levemente superior ao de subsistência, e o pequeno excedente pode ser visto como compensação dos custos de migração ou adaptação suportados pelo trabalhador.

Pela lei de retornos marginais decrescentes, o capitalista não pode absorver todo o excedente disponível no setor não moderno, pois isso significaria reduzir a produtividade marginal do trabalho a algo próximo de zero, como servir café, ou limpar um para-brisa. Portanto, quanto mais capital estiver disponível, maior a quantidade de trabalhadores que poderá ser absorvida no setor moderno. É importante citar aqui como Lewis enfatiza o capital e sua capacidade de aumentar a produtividade e a rentabilidade e se reproduzir. É sintomático como o autor diferencia esse capitalista com tino para os negócios dos pequenos comerciantes, e é possível inferir, a partir dessas observações, que o setor que está na cabeça de Lewis como o setor capitalista por excelência é o industrial, com sua maior participação de capital relativa e seu maior desenvolvimento tecnológico.

É importante mencionar, Lewis prossegue, que nem o setor moderno, nem o setor atrasado precisam ser homogêneos com o mesmo tipo de produção. De fato, em economias subdesenvolvidas, é comum que setores de alta competitividade e tecnologia, como o setor elétrico, a agricultura mais mecanizada e voltada à exportação ou a produção de certos bens de alto valor produtivo, encontrem-se ilhados em meio a uma variedade de setores menos desenvolvidos, como

trabalhadores informais, vendedores ambulantes, serviço doméstico, trabalho familiar, entre outros. O importante aqui é a distinção de funções que os dois setores desempenham na economia. Isso significa que os setores modernos não precisam possuir a mesma quantidade de capital *per capita*, ou que a taxa de lucro média seja igual, mas apenas que, pela competição, a taxa marginal de lucro se torne igual.

Por outro lado, é fato que trabalhadores de aplicativos e vendedores de bala não recebem a mesma remuneração. Entretanto, as duas remunerações não são entraves para a demanda por trabalho de setores capitalizados e modernos. Isto é, os salários pagos pelos setores competitivos são suficientes para atrair esses trabalhadores e menores que suas produtividades marginais. Logo, a oferta de trabalhadores, nesse caso, não é um problema para o capitalista.

Portanto, sempre que houver oferta de trabalho que esteja disposta a receber menos que sua produtividade marginal, haverá ganhos para o capitalista. Lewis ressaltava essa questão para mostrar como pode haver um conflito político entre as classes. O setor capitalista depende dos ganhos no setor não moderno, e, portanto, pode existir um cenário em que o setor moderno atue politicamente de modo a manter os ganhos do setor atrasados em níveis baixos. Qualquer aumento no setor de subsistência representa um aumento de custo para o setor moderno. Nesse sentido, pode-se retardar investimentos públicos que melhorem a produtividade do setor de subsistência, pode-se diminuir a qualidade da educação entre a população de menor produtividade, ou mesmo espoliar e expulsar trabalhadores. Para as dinâmicas existentes no Brasil, essa constatação pode gerar interessantes trabalhos.

A questão fundamental, então, das dinâmicas de economias duais é o reinvestimento do lucro do setor moderno. Enquanto o setor moderno for relativamente pequeno e o excedente de trabalhadores se manter, o setor terá incentivos para o reinvestimento no capital e no emprego. A dinâmica se perpetua até que o excedente de trabalhadores termine. Nesse ponto, cada trabalhador passa a receber como salário a sua contribuição marginal, valor maior que o salário de subsistência.

Considerando o processo de desenvolvimento de uma sociedade industrial, Lewis considera de suma importância a questão da poupança, dado que a poupança financia o investimento quando a última é realizada pela classe capitalista. Qual a explicação da poupança? Para Lewis, a explicação mais provável é que a renda dos

poupadores aumente em relação à renda nacional. A classe poupadora é a capitalista, não porque ela diminui seu consumo, mas porque a sua renda está proporcionalmente aumentando cada vez mais no processo de desenvolvimento do capital. Todo ganho adicional de um aumento de fábrica é apropriado pelo capitalista e os salários se mantêm no nível de subsistência, ou ligeiramente acima dele, para os que estão empregados no setor moderno.

Desta forma, o capital vai aumentando em relação ao produto interno. É importante ressaltar que Lewis vê apenas a classe capitalista como motor do reinvestimento. Os demais detentores de renda, como, “the dominant classes in backward economies-landlords, traders moneylenders, priests, soldiers, princes-do not normally think in these terms (LEWIS,1954,p.160)”. A classe trabalhadora, por outro lado, ganha somente o necessário para sobreviver. Uma vez que um setor capitalista tenha emergido, será questão de tempo até que ele se torne cada vez maior. A velocidade do processo será determinada pelo progresso técnico e pelas oportunidades de investimento. Quanto maior os dois últimos, mais rápido será o desenvolvimento. Como consequência, a diminuição do setor tradicional e a migração dos trabalhadores aumentam o salário entre os remanescentes no setor tradicional, o que diminui a apropriação do capitalista da diferença entre a produtividade e o salário pago. A tendência do processo é que os salários se igualem à produtividade marginal.

Há uma economia política implícita aqui. Os salários só vão subir quando a economia ultrapassar o excedente de trabalhadores e estes passarem a ganhar integralmente a sua contribuição marginal. Até lá, todo ganho será direcionado aos capitalistas, que, esperançosamente, investirão o capital. A defesa implícita de Lewis da classe capitalista pode ser resumida pela passagem abaixo, (grifo nosso):

From the point of view of capital formation, the best thing that can happen is for the surplus money to roll into the pockets of people who will reinvest it productively. The merchant classes would probably use it mainly for speculation in those commodities that are getting scarce. The middle-classes would mainly buy big American cars with it, or go on trips to Europe, wangling the foreign exchange somehow. The peasants ought to use it to improve their farms, but probably most: would use it only to pay off debt, or to buy more land. **There is really only one class that is pretty certain to reinvest its profits productively, and that is the class of industrialists.** (LEWIS, 1954, p.169)

Uma outra forma de financiar o investimento é por meio do crédito ou dos impostos. O crédito direcionado aos capitalistas pode gerar inflação no curto prazo, mas os preços retornam ao normal quando o reinvestimento dos capitalistas começa a render maiores produtos. Se o capital é a força por trás do desenvolvimento, Lewis conclui que as duas estratégias devem ser tomadas sempre que necessário para aumentar o reinvestimento do capital. Há, portanto, uma defesa implícita do papel do Estado como indutor do desenvolvimento capitalista, defesa esta que será apropriada pelos desenvolvimentistas brasileiros, como Celso Furtado.

Lewis acrescenta outras nuances à dinâmica entre os setores na economia. Existem algumas possibilidades econômicas que podem frear o desenvolvimento do setor capitalista. A principal delas, segundo o autor, é a mudança nos termos de troca entre os setores em favor do setor tradicional. Uma possibilidade destacada é a de que algum insumo do setor capitalista seja produzido pelo setor tradicional. Na medida em que o setor capitalista se desenvolve, esse insumo se torna cada vez mais demandado e, por consequência, mais caro. Isto pode aumentar os salários do setor tradicional de tal modo que os salários do setor moderno precisem também aumentar, diminuindo, assim, a lucratividade do setor moderno e, conseqüentemente, o reinvestimento. O exemplo mais clássico é comida. Se o setor moderno é dependente de comida do setor tradicional, e considerando que comida possui uma demanda inelástica, necessariamente o salário de subsistência deve aumentar se a oferta de comida permanece inalterada. Podemos pensar em outros exemplos, como a mineração, o transporte, ou mesmo a terra.

Fica implícito, nesta análise, um certo conflito potencial entre os setores modernos e arcaicos da economia. Mesmo uma agricultura mecanizada e moderna pode ser um freio para o desenvolvimento da acumulação de capital, na medida em que a classe de produtores rurais prefira exportar do que repassar ao setor moderno um insumo primordial para a produção. Ainda mais considerando, como diz Lewis, que o ímpeto do desenvolvimento está no setor moderno e que a classe do segmento tradicional prefere simplesmente passar as férias na Europa, em vez de reinvestir.

Lewis acrescenta, ainda, na sua análise, as potenciais dinâmicas de uma economia dual inserida no comércio exterior. Capitalistas que se encontrem em países que tenham eliminado o excedente de trabalhadores poderiam movimentar o

capital em direção a países com excedente e manter os seus lucros. Assim como trabalhadores poderiam migrar para locais com maiores salários.

Entre as contribuições de Lewis para o tema acima, podemos destacar que o autor não concorda que a livre movimentação dos trabalhadores ou de capitais necessariamente contribua para o desenvolvimento nacional. Em certos casos, o autor pontua que a migração de trabalho e capital poderia, inclusive, piorar a situação de um país com economia dual, o que abriria espaço, por exemplo, para uma atuação protecionista por parte do Estado.

Como conclusão, podemos enfatizar alguns pontos fundamentais levantados por Lewis:

1. O desenvolvimento econômico passa pela acumulação de capital e pelo desenvolvimento do setor capitalista moderno.
2. O excedente de trabalhadores funciona como incentivo para o desenvolvimento geral do capital.
3. Os salários permanecerão baixos até que o excedente de trabalhadores acabe.
4. Existem possíveis conflitos entre as classes e espaço para atuação do Estado que podem ou acelerar ou diminuir o ímpeto para desenvolvimento do capital.

2.2. O modelo de Fei e Ranis

A explicação sobre o modelo de Fei e Ranis é retirada do artigo *Análise da economia brasileira sob a luz do modelo de mercado de trabalho dual de Lewis*, de Flavio Fiuza-Moura, publicado em 2016. O modelo de Fei e Ranis é uma extensão do modelo de Lewis e foi publicado em 1961.

O trabalho dos autores identifica três momentos para a curva de salário do setor tradicional. Em um primeiro momento, o produto marginal do trabalho é nulo. Desse modo, deslocamentos do setor tradicional para o moderno não diminuem a produção total do setor tradicional. Em um segundo momento, o produto marginal do trabalho no setor tradicional passa a ser positivo, desse modo deslocamentos do setor tradicional para o setor moderno terão impacto no setor tradicional por meio da

redução da produção do total no último setor. Por fim, no último momento e último ponto de mudança (*turning point*) o setor tradicional passa pagar a salários iguais à produtividade marginal.

Os autores associam estruturas produtivas à cada momento. A mudança do primeiro para o segundo momento está associada à uma diminuição absoluta na força de trabalho do setor tradicional. A do segundo para o terceiro está associada a uma política de substituição de importações, como ocorreu no Brasil. A terceira e final mudança, quando todo o setor se torna moderno, seria o ponto em que o país passa a ser um exportador de bens agregados e importador líquido de bens agrícolas, de menor valor agregado.

2.3. O modelo de Harris e Todaro

A explicação sobre o modelo de Harris e Todaro é retirada do artigo *Fluxos migratórios, desemprego e diferenciais de renda* de Herton Ellery Araújo e Carlos Alberto Ramos, publicado em 1999.

De acordo com o modelo publicado em 1970, os fluxos migratórios entre os setores da economia tendem a um certo equilíbrio. O modelo original de Lewis explicava a movimentação entre os setores pelo diferencial de salário. Segundo os autores do artigo que retomam o modelo de Harris e Todaro, essa explicação seria insuficiente. Dado que a produtividade no setor moderno é maior, o salário seria sempre maior, o que faria com que, por fim, toda a população do setor atrasado migrasse para o setor moderno. Considerando que isso não ocorre, o modelo de Harris e Todaro insere novas variáveis para explicar a mobilidade.

Seguindo o modelo, o indivíduo que migra olha não somente o salário atual de cada setor, mas também as perspectivas de renda futura. O indivíduo calcularia, assim, o valor presente da expectativa de renda ao longo da sua vida produtiva, mas não somente o valor presente da expectativa de renda, pois o indivíduo também pondera o risco que existe ao longo da trajetória.

O risco da trajetória pode ser aproximado pelo nível de desemprego no setor. Se, por exemplo, o nível de desemprego em um setor é de 15% e o salário de 10.000, a expectativa de renda a cada período seria de 85% de 10.000. Considerando sua taxa de desconto a cada período futuro, o indivíduo teria ao final

um valor de utilidade esperado de acordo com o cálculo. Esse valor pode ser comparado com o de outro setor em que o salário seja menor, porém o desemprego e, logo, o risco seja também menor. A escolha aqui é, pode-se dizer, mais racional do que simplesmente comparar os diferenciais de salário.

Ao final, utilizando uma taxa de desconto média entre a população, ocorreria uma situação de equilíbrio em que a utilidade esperada entre duas regiões ou entre dois setores é a mesma, portanto, sem migração. De acordo com o artigo, esse referencial teórico é capaz de explicar bem os deslocamentos da força de trabalho no Brasil no período em que o artigo foi escrito.

3. CONSIDERAÇÕES ATUAIS SOBRE A ECONOMIA DUAL

Nesse capítulo, analisaremos algumas das contribuições contemporâneas para o estudo das economias duais. Os dois primeiros artigos tratam, sobretudo, de aspectos sociais decorrentes de economias duais. O terceiro busca explicar, a partir de uma revisão da literatura sobre desenvolvimento, o porquê de o Capitalismo atual estar em uma fase de baixo crescimento e concentração, o que explica as economias duais atuais. É interessante notar que, enquanto a primeira literatura sobre economia dual se interessa pelas economias subdesenvolvidas, os três autores estudados aqui são de países desenvolvidos e vêm nos textos originais importantes ideias para explicar a economia de seus países.

3.1. A sociedade dual

O primeiro artigo analisado é de Peter Temin, *The Vanishing Middle Class: The Growth of a Dual Economy*, de 2017. O estudo de Temin se centra na distinção de dois setores da economia estadunidense, um intensivo em capital e inovação, o setor Financeiro-Tecnológico-Eletrônico, abreviado como FTE, e o resto da economia que desempenha o papel de setor atrasado ou menos capitalista segundo a lógica da análise de Lewis. Além de focar nos aspectos econômicos da dinâmica dos dois setores, Temim também joga luz sobre o conflito político entre os dois setores e enfatiza os reflexos dessa dinâmica no nível de bem estar geral da população.

A fim de ilustrar o que seria essa economia dual do século XXI, Temin cita o exemplo de uma trabalhadora da Apple, gigante do setor tecnológico, a Senhora Evans. Evans trabalhava na Kodak, empregada formal da empresa, outra gigante do setor tecnológico nos anos 80 e 90 que sucumbiu à concorrência. Nesse período, a trabalhadora possuía férias remuneradas, subsídios para educação dos filhos e possibilidades de promoção.

A realidade industrial hoje é outra. A recomendação é que as empresas foquem nos aspectos centrais de seus negócios deixando atividades acessórias,

como a limpeza que a senhora Evans realiza, para outras empresas, em um modelo de terceirização. Assim, a trabalhadora perdeu os direitos que possuía, enquanto os funcionários especializados das atividades centrais da Apple continuam a ver seus rendimentos crescerem.

A história exemplifica a situação atual da economia que vai se dividindo: por um lado, oportunidades cada vez mais escassas para a maioria enquanto um pequeno grupo altamente especializado vê surgir novas e novas oportunidades.

Temim retoma Lewis para definir uma situação de economia dual quando existem dois setores dentro de um país com padrões muito diferentes de desenvolvimento, tecnologia e dinâmicas de demanda. Também retoma o conflito entre os setores citado por Lewis. As grandes empresas líderes do mundo atual possuem incentivos para manter a dinâmica entre os dois setores inalterada, isto é, enquanto existir um setor de subsistência, ainda que a senhora Evans não seja exatamente miserável, a dinâmica favorecerá o setor mais desenvolvido, ou FTE. Desse modo, o setor desenvolvido não fará nenhum esforço para que o setor tradicional melhore a sua produtividade, e poderá até mesmo atuar contra qualquer iniciativa em favor do setor tradicional ou das pessoas contidas no último. Temim reforça o argumento a partir da situação social dos Estados Unidos a partir de alguns tópicos ao longo do texto.

Infraestrutura

O autor cita como os Estados Unidos começam a se parecer mais e mais com países subdesenvolvidos. Estradas e pontes deterioradas, serviços públicos ruins, escolas públicas com baixo desempenho, acesso à saúde interditado, características comuns e parte da realidade cotidiana de cidadãos de países subdesenvolvidos, como o Brasil, mas que começam a se cristalizar também em economias desenvolvidas. Por outro lado, o setor FTE desfruta de rodovias interestaduais expressas e bem conservadas e aeroportos modernos.

Sistema Educacional

Ao analisar detidamente o sistema educacional, o autor conclui que, hoje, em simetria com a economia, existem dois modelos de educação vigentes nos Estados

Unidos. Um sistema de ponta com qualidade destinado a fornecer as vagas ao setor FTE e um outro sistema público destinado aos pobres com poucos recursos e baixos resultados. Apenas os mais brilhantes alunos do último setor conseguem ascender à posições no setor FTE. Os demais estão destinados a empregos com baixa produtividade e desenvolvimento, como as atividades acessórias do setor FTE. O setor FTE se separa cada vez mais do restante da sociedade, num processo autocontido de perpetuação exemplificado pelas oportunidades educacionais.

Justiça

Talvez o exemplo mais destacado no artigo seja a questão da justiça e da segurança pública. Enquanto o setor FTE paga pequenas multas para atividades ilegais, como a evasão de impostos, o setor de trabalho mal remunerado vai para a prisão. Os Estados Unidos são líderes mundiais em encarceramento há algum tempo com uma regularidade constante. A chamada “guerra às drogas” é uma das formas de segregação imposta pela economia dual, onde a maior parte da população, aquela contida no setor de baixos salários, especialmente os negros, se depara com a face opressiva do Estado. Crianças com pais encarcerados em escolas ruins, com oportunidades negadas, nascidas em sociedades fraturadas e sem perspectiva, se traduzem na erosão do capital humano que explica a regularidade da alta taxa de encarceramento do país.

O autor prossegue, em meio a todos estes sintomas de uma sociedade dividida. O setor FTE justifica suas ações pela glorificação do livre mercado e do empreendedorismo individual, sendo cada indivíduo responsável pelo seu próprio progresso, e a sociedade se beneficia como um todo da liberdade econômica individual. Daí, pululam pedidos e iniciativas, em especial pelo setor FTE, para cortes de impostos, redução de regulamentação, redução de gastos sociais, entre outros. O autor afirma que o setor FTE não deseja gastar dinheiro em favor do setor de baixos salários. Assim, as classes altas conseguem deduzir gastos do seu imposto de renda, enquanto os pobres estão atolados em dívidas.

Contudo, Temin argumenta, o Estado é necessário justamente para intervir nos mercados em que a livre atuação não parece trazer os resultados desejados pela sociedade, ou seja, para combater os sintomas da sociedade dual descritos

acima. Para o autor, a relutância das classes de cima em atenuar a fratura social de uma economia dual é uma das causas do declínio econômico de alguns países, citando a Argentina, país próspero no começo do século anterior. Os economistas duais de países desenvolvidos estão como medo de se tornarem como nós.

O Precariado

Guy Standing, em *The Precariat under Rentier Capitalism* (2017), aprofunda a análise sobre as causas econômicas e sociais das sociedades divididas da Economia Dual expressas por Temin e esmiúça e classifica a nova classe que emerge entre o setor de baixos rendimentos, o precariado.

Segundo o autor, o mundo globalizado moderno emerge a partir de uma lógica neoliberal em que o capitalismo rentista se torna a característica central do sistema. O capitalismo rentista pode ser definido como um sistema no qual a renda se concentra para aqueles que possuem capital físico, financeiro ou intelectual, em analogia com Temin, para o setor FTE.

O capitalismo rentista é impulsionado pela concentração e poder de mercado das firmas superestrelas. Esta concentração é ampliada por decisões governamentais, como a defesa implacável dos direitos de propriedade intelectual, vista como central na nova economia das ideias, e o crescimento de subsídios e deduções de impostos para grandes corporações e para os ricos. Enquanto isso, os orçamentos governamentais veem minguar suas receitas, enquanto existe toda uma pressão para diminuir gastos sociais e déficits fiscais.

Guy utiliza o termo pluto-populismo para descrever essa situação em que o orçamento é capturado para os empreendedores e “criadores de riqueza”, enquanto os serviços públicos e os benefícios sociais são cortados de pessoas de baixa renda. O resultado é um aumento considerável da desigualdade de renda. Entre os ganhos do capital, a maioria vai para os rentistas, entre os ganhos de salários, a maioria foi para os mais altos salários. O resultado é a criação do precariado, ou seja, os trabalhadores dos setores “atrasados”, que Guy define por três dimensões:

1. Uma vida de instabilidade e incerteza. Trabalhadores atuais sem vínculos duradouros e formais que se caracterizam por relações de trabalho indiretas, terceirizadas, e realizadas por demanda, como a senhora Evans ou os motoristas de aplicativos.
2. A dependência exclusiva do pagamento em dinheiro, sem outros tipos de compensações trabalhistas como férias remuneradas, seguro-desemprego, aposentadorias e planos de saúde.
3. A perda da noção de cidadania e o desmantelamento de todo sentimento de direito civil, social, político e econômico como o acesso à cultura, o direito à moradia e ao emprego. O resultado é um cidadão dependente que suplica a burocratas e é pego em relações personalistas com políticos que lhe concedem benefícios vistos como bondades, o que causa e aumenta a sensação de humilhação e insegurança.

O precariado de Standing se parece com o lumpemproletariado de Marx. Standing prossegue afirmando que o padrão de distribuição de renda que caracterizou o sistema do pós-guerra ruiu, e os salários entre os países pertencentes à OECD estão estagnados há três décadas. E é muito provável que o padrão regressivo da economia atual tecnológica e globalizada permaneça ou se aprofunde. Nesse sentido, precisaríamos de um novo sistema econômico que proporcionasse crescimento econômico sustentável e respeito ao livre mercado. Se Lewis estava preocupado em garantir o rendimento do setor mais capitalista da economia, Guy está preocupado em nos livrar das amarras que garantem a concentração. Isto é, tanto uma redistribuição fiscal como a retirada das garantias governamentais que geram o poder de mercado das empresas.

3.2. A estagnação secular

A tímida recuperação da economia mundial após a crise de 2008 fez reviver teorias sobre a estagnação secular da economia capitalista. Já em 1938, Alvin E. Hansen publicava preocupações sobre uma possível estagnação capitalista e a falta de oportunidades para investimentos lucrativos por conta de uma demanda agregada insuficiente. Entretanto, os anos do pós-guerra dissiparam os

inquietamentos na medida em que a economia recuperou os ganhos, melhorou a distribuição dos recursos e teve ganhos importantes de produtividade advindos sobretudo dos gastos e pesquisas de cunho militar. Em 2013, Summers retoma a ideia, enfatizando que uma população envelhecida, acentuada por uma grande desigualdade social e um grande influxo de capital financeiro, criou um excesso de oferta nos mercados de fundos, tendo como resultado uma taxa de juros natural de equilíbrio próxima do limite de zero.

O artigo *The Secular Stagnation of Productivity Growth*, de Servaas Storm (2019), recupera esse fio inicial para desenvolver e explicar o motivo da tímida recuperação da economia após a crise de 2008. De início, Storm salienta uma característica importante dos tempos correntes. Enquanto no tempo de Hansen existia uma grande distância entre o produto potencial e o produto efetivo, a distância agora parece surpreendentemente menor. Não parece haver espaço para crescimento além das baixas taxas de crescimento atuais. Se Hansen estava preocupado com uma demanda insuficiente, uma análise mais próxima de Keynes, o consenso atual, no qual Summers se insere, parece indicar apenas um culpado para o baixo crescimento: a falta de inovação tecnológica. Dito assim, o problema é simplesmente uma questão de oferta. Em seu artigo, Storm analisa a explicação das duas vertentes para explicar a estagnação e aponta um veredito mais próximo do de Hansen. Começamos pela explicação convencional ortodoxa. Toda a explicação matemática a seguir é retirada do autor, com pequenas mudanças de notação.

A estagnação vista pela ótica da oferta

Definimos y_p como o crescimento potencial da economia em termos de produtividade total dos fatores, sendo l_p a oferta potencial de trabalho medida em de horas de trabalho, e λ_p a produtividade potencial do trabalho. Por definição, temos:

$$y_p = l_p * \lambda_p \quad (1), \text{ em termos de taxa de crescimento:}$$

$$\hat{y}_p = \hat{l}_p + \hat{\lambda}_p \quad (2)$$

A taxa de crescimento do produto depende do crescimento demográfico \hat{l}_p e da mudança tecnológica $\hat{\lambda}_p$. A fim de se concentrar na mudança tecnológica,

sem perda de generalidade, façamos $\hat{l}_p = 0$. Para a função de produção utiliza-se a Cobb-Douglas.

$y = A * l^\theta * K^{1-\theta}$ (3), em que todas as variáveis estão expressas em seu valor efetivo e K é o estoque de capital. A é um fator de escala. Utilizando a hipótese de maximização da produção e o subsídio da equação de Euler, podemos verificar que θ representa a participação do fator trabalho na renda total e $(1 - \theta)$, a participação do fator capital na renda total.

Ao dividirmos ambos os lados por y^θ , usando $k = y/K$ e colocando a produtividade efetiva (λ) em evidência, chegamos à seguinte equação:

$$\lambda = A^{1/\theta} * k^{-(1-\theta)/\theta} \quad (4), \text{ em termos de taxa de crescimento:}$$

$$\hat{\lambda} = (1/\theta) * \hat{A} - ((1-\theta)/\theta) * \hat{k} \quad (5)$$

\hat{A} representa a produtividade total dos fatores, daqui em diante abreviada PTF. Segundos os postulados da teoria clássica, a razão capital / produto no longo prazo deve ser constante. Portanto, a equação 5 se resume a $\hat{\lambda}_p = (1/\theta) * \hat{A}$. Ao substituir a equação 5 na equação 2, chegamos a:

$$\hat{y}_p = (1/\theta) * \hat{A} \quad (6)$$

Assim, a taxa de crescimento do produto potencial depende exclusivamente da PTF (\hat{A}), a opinião hegemônica sobre o desenvolvimento. Nesse momento, Storm retoma a literatura sobre o que é a PTF e qual papel ela desempenha segundo os autores liberais. Colocando a função de produção (3) em termos de taxa de crescimento, chegamos a:

$$\hat{y} = \theta * \hat{l} + (1-\theta) * \hat{K} + \hat{A} \quad (6\#)$$

Existem medições para o crescimento da população (\hat{l}), para o produto (\hat{y}) e para o estoque de capital (\hat{K}). Desse modo, a partir da Econometria pode-se determinar \hat{A} como o erro e da regressão linear. Segundo Solow, a PTF é uma

medida da nossa ignorância. E nas análises regulares, a PTF é tratada como uma variável exógena. Segundo as medições de Storm, a PTF está caindo nos Estados Unidos.

Para Storm, a literatura tradicional atribui à PTF uma medida de quão eficientemente os fatores estão sendo usados. Ela é relacionada à produtividade, à tecnologia e à inovação, como vimos na equação de produção. A variável \hat{A} representa um fator de escala que aumenta (ou diminui) a produtividade dos fatores. Se o crescimento da PTF está caindo, isso é sinal de que as inovações atuais são menos capazes de aumentar a produtividade que as anteriores, ou de que uma rigidez institucional está impedindo o pleno desenvolvimento dos fatores.

Como parte da tradicional visão dos economistas liberais voltada a olhar o aspecto da oferta, o remédio seria então dinamizar a economia por meio de reformas que amenizem a rigidez institucional, como a liberação dos mercados e a desregulamentação do trabalho. Podemos acrescentar, ainda, as reformas tributárias que privilegiam o homem que empreende e “gera riqueza”, a austeridade nas contas públicas que trazem a taxa de juros para o seu nível correto e as pesquisas de inovação dos setores mais avançados, como os de Finanças, Tecnologia e Eletrônica, conforme os dois primeiros autores tratados nessa seção. Storm conclui que, tratada dessa forma, enquanto resíduo, e como sinal vago de necessidades de melhorias institucionais, a PTF permanece como um mistério e não uma categoria analítica. Entretanto, o autor prossegue, existem outras formas de mensurar a PTF.

Utilizando-se das definições, $\hat{\lambda} = \hat{y} - \hat{l}$ e $\hat{k} = \hat{x} - \hat{K}$, a equação 6 pode ser reescrita como:

$$\hat{A} = \theta * \hat{\lambda} + (1 - \theta) * \hat{k} \quad (7)$$

Vista dessa forma, a PTF, é uma média ponderada nos ganhos de produtividade do trabalho e do capital. Um segundo modo de olhar a PTF é a partir do produto pela ótica da remuneração dos fatores de produção, $y = w * l + r * K$ (8). Storm conclui que a equação 8 em termos de taxas de crescimento pode ser reduzida à equação 9 abaixo. Além do algebrismo necessário, existe uma discussão a respeito da função de produção e conclusões derivadas dos dados empíricos, sobre os quais não entraremos em detalhes e podem ser verificados no artigo. De

todo modo, partindo da equação 8, é possível chegar à seguinte contabilidade da PTF:

$$\hat{A} = \theta * \hat{w} + (1 - \theta) * \hat{r} \quad (9)$$

As equações 6, 7 e 9 são formalmente equivalentes, e as estimativas baseadas nos três métodos indicam os mesmos resultados, uma estagnação secular do crescimento da produtividade e, por consequência, do crescimento do produto.

A intuição clássica para esse resultado é que os salários somente podem aumentar caso a produtividade do trabalho aumente. Como os salários estão estagnados, o sinal é de que a produtividade está também estagnada. Correspondente aos três métodos para se definir a PTF, equações 6, 7 e 9, podemos chegar a três achados que estão interligados conforme a ótica liberal centrada na oferta:

- A PTF enquanto resíduo é um sinal de falta de inovação e entraves institucionais para o desenvolvimento;
- Uma segunda explicação que foca na diminuição da produtividade; e
- Uma terceira explicação que foca na diminuição dos rendimentos que, segundo a teoria clássica, é explicada pela diminuição da produtividade.

A estagnação vista pelo lado da demanda

Storm afirma que a explicação acima está errada. Não é a falta de inovação ou as amarras institucionais sobre a oferta que explicam a estagnação do Capitalismo que estamos vivendo. A explicação passa pela falta de demanda e pela estagnação dos salários. Segundo o autor, a intuição liberal de que o crescimento de longo prazo é determinado somente pela tecnologia e pela demografia deve ser superada, assim como a visão de que Keynes explica somente as flutuações cíclicas ao redor da tendência de longo prazo. Vejamos como Storm trata a questão.

Um primeiro modo de olhar a questão de como a falta de demanda afeta a produtividade do trabalho é por meio de uma menor acumulação de capital. Ao dividirmos a função de produção (3) pelas horas trabalhadas l , além de rearranjar e

colocar a produtividade do trabalho em função das taxas de crescimento, chegamos à seguinte definição de $\hat{\lambda}$.

$$\hat{\lambda} = \hat{A} + (1 - \Theta) * (\hat{K} - \hat{I}) \quad (10)$$

Pela equação acima, um declínio na intensidade do capital $(\hat{K} - \hat{I})$, isto é, um declínio da diferença entre o crescimento do capital e o crescimento da população, reduz a produtividade do trabalho (λ). Segundo os dados analisados por Storm, a diferença tem diminuído. O capital cresce a partir do investimento, e o investimento depende, sobretudo, segundo o autor, da expectativa sobre a demanda agregada e dos lucros presumidos por parte dos empresários. Com a renda do trabalho caindo e a renda se concentrando, a expectativa sobre a demanda diminui.

Esta é uma primeira explicação, e Storm acrescenta outra. Tomando $\chi = 1/k$ como a razão constante entre capital e produto potencial, e definindo produto potencial como $y_p = K/\chi$, e a utilização de capital u como y/y^* , o produto efetivo y se torna igual a $u * K/\chi$, em formato de taxa de crescimento:

$$\hat{y} = \hat{u} + \hat{K} \quad (11)$$

O produto efetivo depende da taxa de crescimento, da utilização do capital e da taxa de crescimento do capital em si. A taxa de crescimento da utilização do capital está ligada às flutuações cíclicas do produto em torno da sua tendência de longo prazo, enquanto a taxa de crescimento da capital em si reflete a tendência de crescimento do produto no longo prazo. Combinando a equação 11 e a equação 6, chegamos a:

$$\hat{A} = \hat{u} + \Theta * (\hat{k} - \hat{I}) \quad (12)$$

A equação explicita a PTF como dependente da taxa de crescimento, da utilização do capital e do incremento do capital. Considerando \hat{i} a razão entre o investimento e o produto, podemos definir a taxa de crescimento do capital como:

$$\hat{K} = (u * i) / \chi \quad (13)$$

O aumento da razão investimento sobre o produto (i) tende a acelerar o crescimento do capital. Por outro lado, a compressão da demanda tende a diminuir a utilização da capacidade e o ímpeto para o investimento, o que, por sua vez, desacelera a formação de capital. Como a diferença entre o produto potencial e o efetivo parece cada vez menor atualmente, qualquer aumento do produto soa como um alerta de potencial inflação sob a percepção liberal, o que, por sua vez, engendra novas políticas monetárias e fiscais que desestimulam o investimento e a demanda, diminuindo ainda mais o potencial de crescimento da economia.

Storm esquematiza desta forma o pensamento: na origem da diminuição da demanda está a desregulamentação do mercado de trabalho, em especial a queda no número de sindicatos e sindicalizados. Com menor poder de barganha, os trabalhadores passam a receber menores salários. Os menores salários, por sua vez, diminuem a demanda agregada, e a diminuição da demanda diminui o ímpeto para o investimento que, por seu turno, diminui a acumulação de capital. O nível menor de acumulação de capital e de utilização de capital acabam por diminuir o crescimento da produtividade do trabalho. O resultado é um menor produto efetivo e um menor produto potencial.

Storm ainda acrescenta mais uma discussão sobre o crescimento da produtividade. Segundo a ótica liberal, quando a produtividade em geral (vista como exógena) cai, o salário também cai. Contudo, existe uma visão alternativa e oposta. Storm advoga que a queda nos salários na verdade diminui a produtividade da economia. No parágrafo anterior, o autor esquematiza um pensamento que se inicia com a queda dos salários. A explicação teórica é que salários mais altos induzem as firmas a investir em maquinaria, que geram inovações e aumentam a densidade do capital na economia, o que, como vimos aumenta o produto potencial. Quando o salário é baixo, o incentivo para investir em tais inovações é muito pequeno. Há de se pensar quantos empregados formais, por exemplo, a empresa Uber de fato possui. Visto desta forma, a produtividade do trabalho é endógena ao modelo e determinada em alguma medida pelo aumento do salário.

Storm prossegue afirmando que o declínio nos salários reais está fortemente associado a um movimento iniciado no fim dos anos 80 com uma reorientação na política macroeconômica. As políticas governamentais começam a se dissociar da busca pelo pleno emprego e passam a perseguir com mais ênfase uma inflação baixa e constante, tudo isso associado à desregulamentação do trabalho, à

diminuição dos gastos sociais e da proteção social, à diminuição do salário mínimo e ao enfraquecimento do trabalho formal. Podemos acrescentar, ainda, a sociedade dividida que Temin enfatiza e a formação do precariado que Standing analisa. Todos os fatores apontam para a diminuição da demanda agregada.

Conforme mencionado, a pequena distância entre o produto efetivo e o potencial gera um temor, entre o pensamento liberal, de que qualquer estímulo na demanda geraria pressão inflacionária, na medida em que a oferta atual seria incapaz de suprir a demanda impulsionada. Storm responde, em uma maneira semelhante ao que Lewis fizera, que o impulso da nova demanda aumenta não somente o produto efetivo, mas também o produto potencial, ao passo, que a oferta se expandiria e se adequaria à demanda impulsionada diminuindo assim o risco de inflação.

Como conclusão, Storm, acrescenta que o viés deflacionário da política macroeconômica atual e as medidas decorrentes, como austeridades sem necessidade, políticas monetárias excessivamente restritivas, concentração de renda decorrente, têm como efeito restringir a demanda, que, por sua vez, explica a estagnação da economia, assim como, podemos acrescentar, as sociedades e economias duais em que estamos. Portanto, para Storm, o mundo precisa de uma nova macroeconomia, uma que não retroalimente o processo de estagnação. O estudo de Keynes não é somente para o curto prazo.

3.3. Conclusão

Os três autores mencionados neste capítulo, apesar das singularidades, reconhecem três fatores em comum das sociedades atuais:

- A desregulamentação do trabalho e a consequente precarização.
- A concentração da renda e as políticas de benefícios tributários para os ricos e os que “criam riqueza”.
- As políticas de austeridade fiscal e a rigidez da política monetária.

Os três pontos acima estão fortemente relacionados à uma política liberal que se inicia nos países ricos a partir dos anos 80. O resultado são as sociedades duais atuais. As políticas e as recomendações de Lewis em seu artigo original abriam

brechas e indicavam caminhos para políticas de intervenção do Estado na economia, como política industrial, política protecionista, entre outras, como forma de superação do subdesenvolvimento. É interessante e sintomático que os autores desse capítulo vejam, no abandono de políticas de Estado, o caminho de volta e contrário dos países ricos rumo ao subdesenvolvimento e à pobreza.

4. PROPOSTA DE MODELO SOBRE A ECONOMIA DUAL

Nesse capítulo, vamos tentar desenvolver um modelo como exercício que descreve uma economia dual com dois setores, o primeiro tradicional no sentido de Lewis e o segundo moderno e dinâmico, com ganhos de escala. A base do modelo segue a iniciativa seminal de Solow (JONES:2000), em que introduzimos uma dinâmica de migração de população entre os setores.

A função de produção é a usual Cobb-Douglas:

$$Y_t = K_t^\Theta * L_t^{1-\Theta}$$

$$Y_m = K_m^\Theta * L_m^{1-\Theta} * A \quad (1)$$

Em que o subscrito t representa o setor tradicional e o subscrito m representa o setor moderno. Y é o produto, K é o estoque de capital e L é a quantidade total de horas trabalhadas. A representa o ganho de escala do setor moderno, podendo ser entendido como uma medida da eficiência do setor moderno, e, nesse sentido, indica o melhor ambiente institucional desse setor, conforme discussão realizada no capítulo anterior sobre a PTF. Θ representa a remuneração de cada fator e será tratada como igual em cada setor tendo como base os fatos estilizados da economia do desenvolvimento.

A dinâmica do capital é descrita por:

$$\hat{K} = s * Y - d * K \quad (2) \text{ para cada setor,}$$

Em que s é a taxa de poupança e d é a deterioração do capital. Por conveniência admitiremos que $d = 0$. $s * Y$ é igual ao investimento, esse é um ponto problemático que divide as economias ortodoxa e heterodoxa. Como vimos, para Storm o investimento é, retomando Keynes, função da expectativa de demanda do empresariado. Para simplificar a especificação e dado o objetivo, utilizaremos a explicação usual ortodoxa.

Já a população pode migrar entre os setores, há livre movimentação do trabalho, podendo o saldo da migração ser descrito como:

$$M = \mu * (w_m - w_t)/w_t * (L_m + L_t) \quad (3)$$

A equação acima nos diz que a população migra conforme o diferencial de salários (w) entre os setores a uma taxa μ . O salário é calculado do modo tradicional como a produtividade marginal do trabalho. A hipótese é que a população migra para setores com salário mais alto. A taxa μ representa um freio à migração, seu valor varia entre 0 e 1, ela indica os custos pecuniários e não pecuniários que os indivíduos enfrentam para migrar, como, por exemplo, a mudança de bairro e o aprendizado de novos serviços, entre outros.

Dessa forma a dinâmica da população de cada setor se torna:

$$\begin{aligned}\dot{L}_t &= n * L_t - M \\ \dot{L}_m &= n * L_m + M\end{aligned} \quad (4)$$

n é a taxa de crescimento da população, e por conveniência será tratado como zero, as populações são homogêneas, de modo que a população total é fixa e a dinâmica se resume à migração entre os setores.

Na tabela abaixo, verificamos uma simulação considerando os seguintes parâmetros:

$$\Theta = 0,3$$

$$\mu = 0,1$$

$$s = 0,1$$

$$K_t = 500$$

$$L_t = 2000$$

$$K_m = 2000$$

$$L_m = 2000$$

$$A = 1,01$$

	Setor Tradicional						Setor Moderno						
Período	K	L	w	Y	I	Y/L	K	L	w	Y	I	Y/L	M
1	500,00	2000,00	0,46	1319,51	131,95	0,66	2000,00	2000,00	0,71	2020,00	202,00	1,01	106,21
2	631,95	1893,79	0,50	1362,50	136,25	0,72	2202,00	2106,21	0,72	2155,85	215,58	1,02	89,06
3	768,20	1804,73	0,54	1396,79	139,68	0,77	2417,58	2195,27	0,73	2282,32	228,23	1,04	75,39
4	907,88	1729,34	0,58	1425,36	142,54	0,82	2645,82	2270,66	0,74	2401,02	240,10	1,06	64,26
5	1050,42	1665,08	0,61	1450,15	145,01	0,87	2885,92	2334,92	0,75	2513,03	251,30	1,08	55,08
6	1195,43	1610,00	0,64	1472,43	147,24	0,91	3137,22	2390,00	0,77	2619,17	261,92	1,10	47,41
7	1342,67	1562,60	0,67	1493,08	149,31	0,96	3399,14	2437,40	0,78	2720,08	272,01	1,12	40,95
8	1491,98	1521,65	0,70	1512,69	151,27	0,99	3671,15	2478,35	0,80	2816,28	281,63	1,14	35,48
9	1643,25	1486,17	0,72	1531,65	153,17	1,03	3952,77	2513,83	0,81	2908,22	290,82	1,16	30,82
10	1796,42	1455,36	0,75	1550,25	155,02	1,07	4243,60	2544,64	0,82	2996,27	299,63	1,18	26,83
11	1951,44	1428,52	0,77	1568,66	156,87	1,10	4543,22	2571,48	0,84	3080,76	308,08	1,20	23,42
12	2108,31	1405,11	0,79	1587,00	158,70	1,13	4851,30	2594,89	0,85	3162,00	316,20	1,22	20,48
13	2267,01	1384,63	0,81	1605,35	160,53	1,16	5167,50	2615,37	0,87	3240,25	324,03	1,24	17,95
14	2427,54	1366,68	0,83	1623,74	162,37	1,19	5491,52	2633,32	0,88	3315,75	331,57	1,26	15,76
15	2589,92	1350,92	0,85	1642,20	164,22	1,22	5823,10	2649,08	0,90	3388,70	338,87	1,28	13,86
16	2754,14	1337,06	0,87	1660,74	166,07	1,24	6161,97	2662,94	0,91	3459,31	345,93	1,30	12,22
17	2920,21	1324,84	0,89	1679,34	167,93	1,27	6507,90	2675,16	0,92	3527,76	352,78	1,32	10,80
18	3088,14	1314,04	0,90	1697,99	169,80	1,29	6860,68	2685,96	0,94	3594,19	359,42	1,34	9,56
19	3257,94	1304,49	0,92	1716,69	171,67	1,32	7220,10	2695,51	0,95	3658,75	365,88	1,36	8,48
20	3429,61	1296,01	0,94	1735,40	173,54	1,34	7585,97	2703,99	0,96	3721,59	372,16	1,38	7,54
21	3603,15	1288,48	0,95	1754,12	175,41	1,36	7958,13	2711,52	0,98	3782,81	378,28	1,40	6,71
22	3778,56	1281,76	0,97	1772,81	177,28	1,38	8336,41	2718,24	0,99	3842,52	384,25	1,41	6,00
23	3955,85	1275,76	0,98	1791,48	179,15	1,40	8720,66	2724,24	1,00	3900,84	390,08	1,43	5,37
24	4134,99	1270,39	1,00	1810,09	181,01	1,42	9110,75	2729,61	1,01	3957,83	395,78	1,45	4,82
25	4316,00	1265,57	1,01	1828,63	182,86	1,44	9506,53	2734,43	1,03	4013,60	401,36	1,47	4,34
26	4498,86	1261,24	1,03	1847,09	184,71	1,46	9907,89	2738,76	1,04	4068,21	406,82	1,49	3,91
27	4683,57	1257,33	1,04	1865,46	186,55	1,48	10314,71	2742,67	1,05	4121,74	412,17	1,50	3,54
28	4870,12	1253,78	1,05	1883,73	188,37	1,50	10726,88	2746,22	1,06	4174,24	417,42	1,52	3,21
29	5058,49	1250,57	1,06	1901,88	190,19	1,52	11144,31	2749,43	1,08	4225,78	422,58	1,54	2,92
30	5248,68	1247,65	1,08	1919,90	191,99	1,54	11566,89	2752,35	1,09	4276,41	427,64	1,55	2,67
31	5440,67	1244,98	1,09	1937,80	193,78	1,56	11994,53	2755,02	1,10	4326,17	432,62	1,57	2,44
32	5634,45	1242,54	1,10	1955,56	195,56	1,57	12427,14	2757,46	1,11	4375,12	437,51	1,59	2,24
33	5830,01	1240,29	1,11	1973,19	197,32	1,59	12864,66	2759,71	1,12	4423,28	442,33	1,60	2,07
34	6027,33	1238,23	1,13	1990,66	199,07	1,61	13306,98	2761,77	1,13	4470,71	447,07	1,62	1,91
35	6226,39	1236,32	1,14	2007,99	200,80	1,62	13754,06	2763,68	1,14	4517,44	451,74	1,63	1,77
36	6427,19	1234,55	1,15	2025,17	202,52	1,64	14205,80	2765,45	1,16	4563,49	456,35	1,65	1,65
37	6629,71	1232,90	1,16	2042,20	204,22	1,66	14662,15	2767,10	1,17	4608,91	460,89	1,67	1,54
38	6833,93	1231,36	1,17	2059,07	205,91	1,67	15123,04	2768,64	1,18	4653,71	465,37	1,68	1,44
39	7039,84	1229,93	1,18	2075,79	207,58	1,69	15588,41	2770,07	1,19	4697,92	469,79	1,70	1,35
40	7247,42	1228,58	1,19	2092,36	209,24	1,70	16058,20	2771,42	1,20	4741,57	474,16	1,71	1,27
41	7456,65	1227,31	1,20	2108,77	210,88	1,72	16532,36	2772,69	1,21	4784,68	478,47	1,73	1,20
42	7667,53	1226,11	1,21	2125,04	212,50	1,73	17010,83	2773,89	1,22	4827,27	482,73	1,74	1,14
43	7880,03	1224,97	1,22	2141,15	214,11	1,75	17493,56	2775,03	1,23	4869,36	486,94	1,75	1,08
44	8094,15	1223,89	1,23	2157,10	215,71	1,76	17980,49	2776,11	1,24	4910,97	491,10	1,77	1,03
45	8309,86	1222,86	1,24	2172,92	217,29	1,78	18471,59	2777,14	1,25	4952,11	495,21	1,78	0,98
46	8527,15	1221,88	1,25	2188,58	218,86	1,79	18966,80	2778,12	1,26	4992,81	499,28	1,80	0,94
47	8746,01	1220,95	1,26	2204,10	220,41	1,81	19466,08	2779,05	1,27	5033,07	503,31	1,81	0,90
48	8966,42	1220,05	1,27	2219,47	221,95	1,82	19969,39	2779,95	1,28	5072,91	507,29	1,82	0,86
49	9188,36	1219,18	1,28	2234,70	223,47	1,83	20476,68	2780,82	1,29	5112,34	511,23	1,84	0,83
50	9411,83	1218,35	1,29	2249,80	224,98	1,85	20987,91	2781,65	1,30	5151,38	515,14	1,85	0,80

Tabela com a simulação dos dados.

Em termos gráficos:

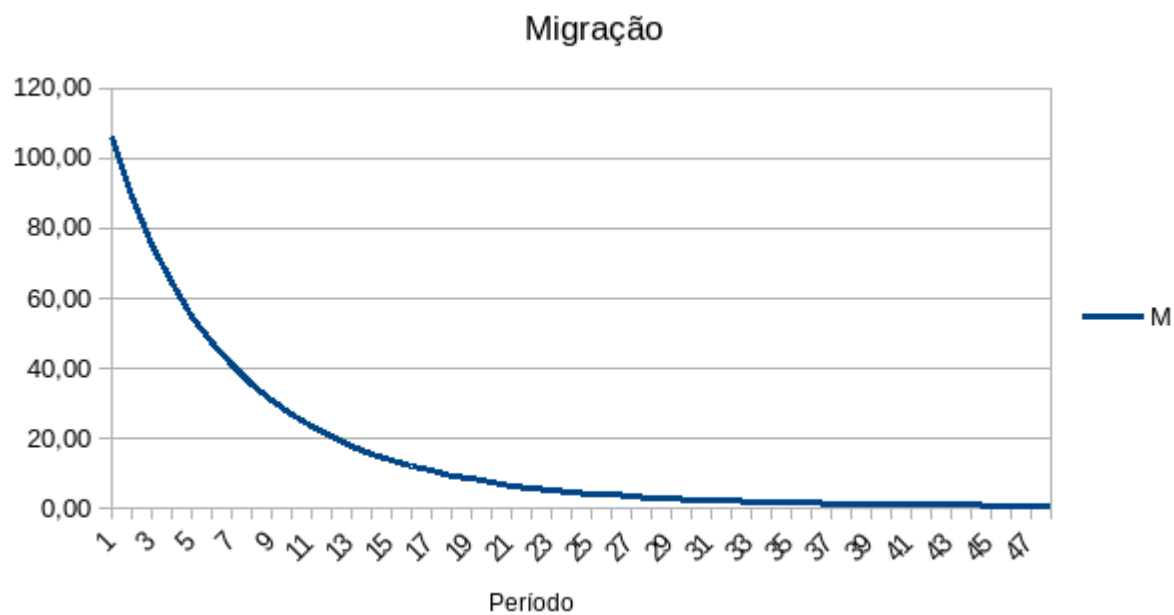


Gráfico com a dinâmica das migrações

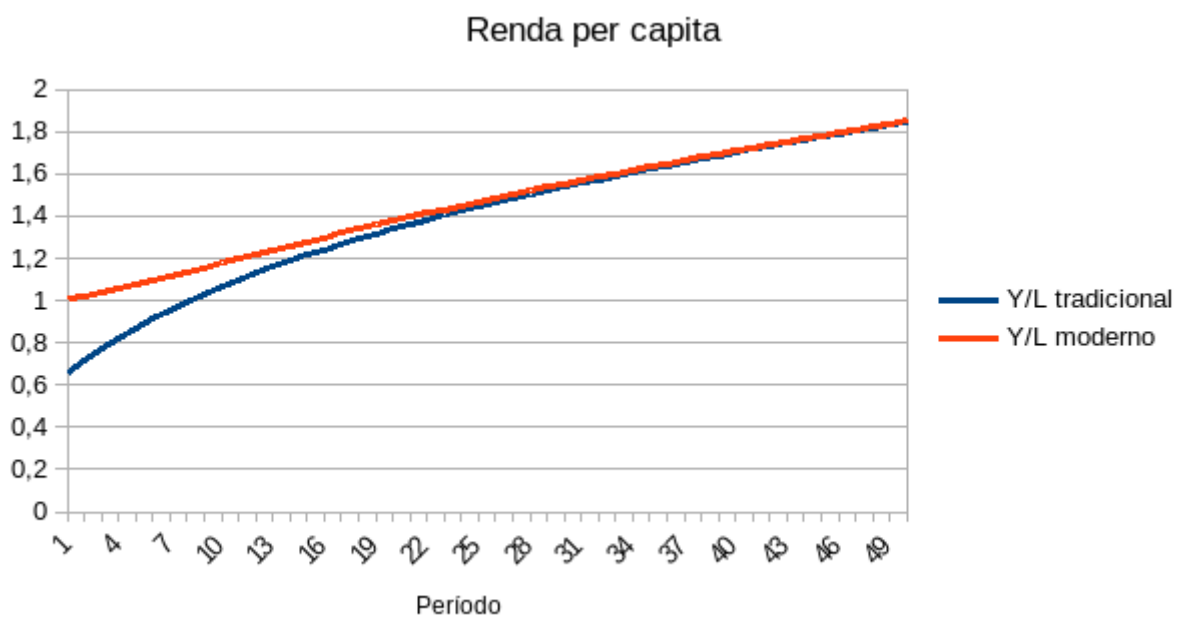


Gráfico com a dinâmica da renda *per capita*

Em 50 períodos, verificamos que os salários convergem assim como a renda *per capita*. As populações estabilizam e a migração tende a não mais ocorrer. No milésimo período a dinâmica acima ainda permanece e se intensifica, o que nos indica um estado estacionário.

A partir da conclusão do parágrafo anterior, podemos derivar que no longo prazo:

$Y_t/L_t = Y_m/L_m$, rearranjando:

$$L_t^\Theta = (K_t * L_m / K_m)^\Theta * 1/A \quad (5)$$

Logo, quanto maior o capital inicial do setor moderno em relação ao tradicional, menor a população final do setor tradicional. Similarmente, quanto maior a dinamicidade do setor moderno (A), menor a população final do setor tradicional.

A respeito dos salários, no longo prazo:

$$W_t = W_m,$$

$$w_t = (1 - \Theta) * A * (K_m / L_m)^\Theta \quad (6)$$

Logo, quanto maior a dinamicidade do setor moderno e maior a densidade do capital moderno em relação à sua população, maior o salário do setor tradicional.

4.1. Explicação econômica do modelo

A intuição econômica para os resultados apresentados é relativamente simples. O deslocamento da força de trabalho atua como variável de ajuste para a dinâmica entre os setores. Em um primeiro momento, os trabalhadores migram para o setor de salário mais alto. Ao fazê-lo, ocorrem simultaneamente dois processos. 1) O trabalho se torna mais escasso no setor tradicional, o que faz aumentar a produtividade do trabalho e 2) o trabalho se torna mais abundante no setor moderno, o que, por sua vez, faz diminuir a produtividade do trabalho. Isso explica a dinâmica dos salários, aumento no setor tradicional e diminuição no setor moderno. O modelo tende a um equilíbrio pela consequência dessas forças. Na medida em que a migração pressiona os salários em direções diferentes para cada setor, eles tendem a

se aproximar. Estando próximos os salários, cessa o incentivo para a migração. O modelo apresentado se baseia fortemente na produtividade decrescente dos fatores quando tomados isoladamente.

Desse modo, atribui-se um contrapeso à migração desenfreada. Ao considerar que os trabalhadores recebem sua produtividade marginal em qualquer dos setores, o modelo se distancia um pouco da premissa do modelo original de Lewis, que considera que no setor tradicional existe uma produtividade zero ou negativa. Entretanto, as consequências tendem ao resultado final de Lewis, em que o setor moderno predomina em relação ao tradicional, ilustrada pela diferença de população em cada setor. Quanto maiores as forças de atração do setor tradicional, como o diferencial de capital e o diferencial da PTF, maior a distância entre os setores e mais rápido o processo de migração ao setor moderno.

O modelo se aproxima ao de Harris e Todaro na medida em que estabelece um limite para a migração. Enquanto no modelos dos últimos o desemprego cumpre o papel de equilibrar a dinâmica dos setores, no modelo aqui apresentado, a produtividade de cada fator desempenha esse papel. Se pensarmos no modelo de Fei e Ranis, o setor tradicional estaria no segundo momento do desenvolvimento, em que o setor tradicional ainda apresenta uma produtividade menor do que a do setor moderno, indicado pela ausência da variável A no modelo.

Uma questão crucial da discussão, portanto, é que não há desemprego. O emprego de toda a força de trabalho diminui a produtividade do setor moderno. No mundo real, analisado pelos autores do capítulo anterior, a distância entre os setores se mantém porque, entre outras causas, existem barreiras de entrada entre os setores, exemplificadas por Termin nas oportunidades educacionais e porque o investimento é dependente da expectativa de demanda.

O modelo apresentado aqui também ignora virtualmente todas as falhas de mercado que estão em atuação no mundo moderno, como assimetria de informação, seleção adversa e, sobretudo, o grau de concentração e o poder de mercado do setor moderno, e daí a questão política do conflito entre os setores. Os trabalhadores do setor tradicional não migram para o setor moderno porque há desemprego, se pensarmos no modelo de Harris e Todaro, o risco para um trabalhador do setor tradicional seria muito alto para encorajar uma migração. Por fim, cabe ressaltar, como os autores do capítulo anterior, que o setor moderno age politicamente de modo a não diminuir a sua própria produtividade e rentabilidade.

Extrapolando a questão, poderíamos pensar que as políticas governamentais contrárias à migração internacional desempenham o mesmo papel.

4.2. Considerações sobre a especificação

O modelo apresentado nesse capítulo é evidentemente bastante simples. Existem diversos pontos e questões para debate que podem ser desenvolvidas em trabalhos futuros.

A participação dos fatores na renda (Θ) é a mesma entre os dois setores. Essa é uma hipótese irrealista considerando todo o processo de concentração de renda descrito pelos autores no capítulo 3 e as diferenças de estoque de capital entre os setores.

A taxa de poupança s é a mesma entre os dois setores. Considerando os escritos de Lewis, podemos pensar que quanto maior a rentabilidade do capital, maior a taxa de poupança. Portanto, a poupança seria mais elevada no setor moderno. A especificação também ignora o processo de maximização intertemporal que os indivíduos desenvolvem para determinar a taxa de poupança ótima. Muito provavelmente, levar o último processo em conta resultaria em taxas de poupança diferentes entre os setores.

Conforme indicado anteriormente, não há desemprego, todos os fatores são empregados, uma situação bastante distante do mundo real.

O modelo considera apenas a possibilidade de migração do trabalho. É de se pensar quais seriam os resultados caso o capital também se movimentasse ou se apenas o capital pudesse se movimentar.

A tecnologia aqui descrita (A) é exterior ao processo de produção individual de cada firma, num modo semelhante ao do modelo AK (JONES:2000). Há de se debater qual tipo de tecnologia se aproximaria mais da dinâmica da economia dual real, um modelo com tecnologia poupadora de trabalho ou poupadora de capital. No limite, poderíamos adicionar um novo fator de produção para o setor moderno, o trabalho qualificado ou de forma mais rebuscada introduzir o salário como determinante para a produtividade ao estilo de Storm.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo fazer um apanhado teórico a respeito da economia dual e um breve exercício do impacto da migração sobre economias duais. Na introdução, justifica-se o tema pela disparidade da rentabilidade entre setores que pode se verificar em países subdesenvolvidos, disparidade essa que teve como resultado importante contribuições de autores nacionais para o tema.

O segundo capítulo retoma as teorias clássicas sobre a economia dual, a saber, a contribuição pioneira de Lewis, que identifica dois setores, um moderno e dinâmico e outro atrasado e tradicional. O segundo setor oferece uma oferta de trabalho virtualmente infinita para o primeiro setor. A produtividade baixa atua assim como um âncora para os salários no setor moderno.

A segunda teoria vista no capítulo é o acréscimo de Fei e Ranis que identifica momentos de transição na dinâmica entre os setores. Um primeiro momento em que a produtividade do setor tradicional é nula ou negativa, um segundo em que a produtividade passa a ser positiva e um terceiro em que a produtividade se iguala à do setor moderno.

Por fim, Harris e Todaro introduzem uma variável de risco para explicar a dinâmica de migração entre os dois setores, moderno e tradicional. A taxa de desemprego é tomada como uma medida do risco.

O quarto capítulo retoma algumas discussões sobre a economia dual atual. Temin caracteriza o setor moderno como o setor que engloba os setores financeiros, tecnológicos e eletrônicos de grande produtividade e inovação e, em oposição, o restante da economia. Sua análise se centra nos resultados sociais dessa divisão econômica, em que grande parcela da população é excluído do desenvolvimento. Standing, por sua vez, caracteriza a população trabalhadora do setor menos dinâmico, o precariado, uma população marcada pela insegurança e a incerteza.

No mesmo capítulo, analisa-se a proposta de Storm para explicar a estagnação econômica recente: a queda dos salários reais e a consequente compressão da demanda, com impactos negativos sobre a produtividade, o investimento e o produto potencial.

O quinto capítulo procura desenvolver um modelo como exercício para verificar a dinâmica dos salários em uma economia dual com mobilidade do trabalho.

O modelo se apoia na produtividade decrescente dos fatores quando tomados individualmente para verificar que ocorreria migração entre os setores por conta do diferencial de salário. Tendo como resultado ao final o setor moderno com maior população e, por fim, *rendas per capita* iguais. A simulação realizada parece indicar um estado estacionário.

REFERÊNCIAS

Araújo, H. E., & Ramos, C. A. (1999). *Fluxos migratórios, desemprego e diferenciais de renda*. Revista Brasileira De Estudos De População, 16(1/2), 43–54. Disponível em: <https://rebep.emnuvens.com.br/revista/article/view/393>

Fiuzza-Moura, Flavio. (2016). *Análise da economia brasileira sob a luz do modelo de mercado de trabalho dual de lewis*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/303265496_ANALISE_DA_ECONOMIA_BRASILEIRA_SOB_A_LUZ_DO_MODELO_DE_MERCADO_DE_TRABALHO_DUAL_DE_LEWIS

Jones, Charles I. (2000) *Introdução à teoria do crescimento econômico*. Campus.

Lewis, W.A. (1954) *Economic Development with Unlimited Supplies of Labour*. The Manchester School of Economic and Social, 22, 139-191

Standing, Guy. (2017) *The Precariat under Rentier Capitalism*. Disponível em: <https://www.ineteconomics.org/research/research-papers/the-precariat-under-rentier-capitalism>

Storm, Servaas. (2019) *The Secular Stagnation of Productivity Growth*. Institute for New Economic Thinking Working Paper Series No. 108
Disponível em: <https://doi.org/10.36687/inetwp108>

Temin, Peter. (2017) *The Vanishing Middle Class: The Growth of a Dual Economy*. Disponível em: <https://www.ineteconomics.org/research/research-papers/the-vanishing-middle-class-the-growth-of-a-dual-economy>